

Maternidade e carreira: desafios frente à conciliação de papéis

Greyce Rocha Beltrame
Tagma Marina Schneider Donelli

Resumo: Este artigo apresenta uma revisão de literatura a respeito de dois temas vivenciados por muitas mulheres, a maternidade e a carreira. Reflete-se o que a entrada e consolidação da mulher no mercado do trabalho trouxe de implicações à maternidade. Aprofunda-se o tema com discussão de pesquisas que abordam maternidade e carreira, buscando apresentar os sentimentos, dificuldades e estratégias das mulheres que optam por trabalhar e ser mãe. Diferentes estudos apontam que conciliar maternidade e carreira é vivenciado como um conflito para a mulher atual, pelas novas demandas que lhe são apresentadas em função da necessidade/opção de muitas em transitar pelo espaço público e o privado.

Palavras-chave: Maternidade; Carreira; Conciliação de Papéis.

Maternity and Career: Challenges forward to reconciliation of roles

Abstract: This article presents a literature review concerning two issues that many women experienced in their lives of motherhood and career. Shows what implications the entry and consolidation of women into labor market have brought to motherhood. Delves into the topic of discussion with researches that approach motherhood and career, in order to present feelings, difficulties and strategies of women who choose to work and be a mother. Different studies show that balance between motherhood and career is experienced as a conflict for modern woman for new demands that are presented by the need/choice of many in transit public and private spaces.

Keywords: Motherhood; Career; Balance of Roles.

Introdução

O panorama de crescimento e consolidação da participação da mulher no mercado de trabalho, juntamente com os hábitos de vida dos grandes centros metropolitanos, têm transformado rotinas e trazido mudanças internas nos papéis familiares nos últimos anos, especialmente naquele exercido pela mãe (Jerusalinsky, 2005; Rapoport & Piccinini, 2004). A inserção da mulher na esfera pública é confirmada pelos dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), através da Pesquisa Mensal de Emprego (PME). Em 2008, a proporção de mulheres ocupadas em relação à população feminina em idade ativa cresceu, se comparada à de 2003, e ficou acima das dos homens nessa mesma situação, chegando a 43,1% (IBGE, 2008). Os números avançaram gradativamente, e, em 2010, na Região Metropolitana de Porto Alegre, elas já correspondiam a 45,9 % (IBGE, 2010).

No entanto, a posição simétrica que a mulher conquistou na sociedade atual, em relação ao universo masculino, trouxe consequências decorrentes das suas próprias escolhas. É a partir dessas considerações, que este artigo irá focar-se em dois fenômenos cada vez mais recorrentes dentre as demandas contemporâneas na vida da mulher: maternidade e carreira; e mais especificamente, a conjunção de

ambos. O objetivo é investigar através de uma revisão compreensiva da literatura o que as pesquisas atuais, nas principais bases de dados nacionais como Scielo, Pepsic, Bvs-psi e Google acadêmico refletem a respeito dos dados apontados acima. Tal compreensão será perpassada pelo viés teórico de autores que se dedicaram ao estudo do processo de constituição psíquica, especialmente o papel das primeiras relações para o desenvolvimento do sujeito.

Em um primeiro momento foi realizado uma pesquisa ampla sobre os temas que envolvem maternidade e mudanças de perfil da mulher. O interesse em estudar os múltiplos papéis ocupados pela mulher na atualidade é justificado pelas profundas mudanças ocorreram no feminino e masculino, no último século.

Maternidade nos últimos anos

As novas configurações familiares vêm mostrando, de acordo com Wagner (2002), a desintegração da família tradicional e a reorganização dos papéis sociais, por parte tanto do homem quanto da mulher. Isso vem atingindo, diretamente, os papéis de mãe e de pai dentro do contexto familiar e, conseqüentemente, provocando modificações nas concepções de maternidade entendidas até então (Scavone, 2001).

As pesquisas voltadas para a conjunção da carreira e da maternidade se deram pela relevância e escassez do tema na realidade brasileira, por tal motivo, justificam-se as pesquisas que abordam tal tema sobre sob diferentes perspectivas teóricas. Há estudos que destacam as conseqüências provenientes das novas tecnologias, como o uso dos métodos contraceptivos e do ingresso feminino no mercado de trabalho, veio desconstruir a visão da mulher como sinônimo exclusivo de mãe. No entanto, Scavone (2001, 2002), em sua revisão sociológica a respeito das mudanças mais marcantes nos padrões da maternidade contemporânea, alega que ela é ainda um elemento cultural muito forte ligado à identidade feminina. Com isso, serão abordadas a seguir as novas configurações da maternidade, não mais tão exclusiva e atrativa como nas décadas passadas.

A maternidade atual traz para as mulheres tentativas, implicações e conflitos distintos (Martinez & Barbieri, 2011), o que tem levado os estudos mais recentes a pesquisar temas sobre diferentes condições maternas características da sociedade contemporânea. Com a diminuição da natalidade e a consolidação da mulher no mercado de trabalho, as pesquisas direcionaram seus focos para questões atuais, como maternidade tardia (Gomes, Donelli, Piccinini & Lopes, 2008), adoção (Sonego & Lopes, 2009), inseminação artificial (Spotorno, Silva & Lopes, 2008) e família homoparental (Martinez & Barbieri, 2011).

Nesse sentido, Sigal (2002), afirma que a maternidade passa a ser entendida pela articulação entre o desejo e seu contexto socio-histórico não havendo uma linearidade no que irá acontecer na vida da mulher, pois sua história está cruzada com as questões de gênero, sociais e história individual. Ao encontro de tal ideia, Jerusalinsky (2009) interroga se a equação apontada por Freud (1976) – “pênis-falo-bebê” – seria uma naturalização, uma espécie de papel importante de um ciclo a ser cumprido na época. Isto porque, ao analisar a diversidade de realizações fálicas da mulher atual, sendo

possível perceber que a mulher da sociedade contemporânea é marcada pela ascensão no mercado de trabalho e na vida intelectual (Grant, 2002). Esses fatos mudaram o curso da história do sujeito, possibilitando novos direcionamentos.

No entanto, essas novas configurações não deixam de ter novas tensões. Uma delas é apontada no estudo de Barbosa e Rocha-Coutinho (2007) e refere-se ao adiamento da maternidade devido à inserção da mulher das classes média e alta no espaço público, principalmente aquelas que priorizam suas carreiras profissionais. Em decorrência disso, há uma coincidência da idade de se dedicar à carreira e a de ser mãe, e essas duas tarefas exigem extrema entrega (Barbosa & Rocha-Coutinho, 2007; Brazelton, 1988).

Os dados preliminares do Censo 2010 (IBGE, 2011) vêm reforçar a tendência ao adiamento da maternidade. O padrão de fecundidade das mulheres brasileiras alterou-se comparado à dos Censos anteriores. Até 2000, havia uma tendência de rejuvenescimento, ou seja, uma maior concentração de filhos nas idades mais jovens. No entanto, os últimos dados mostram uma queda dessas taxas nas faixas etárias de 15 a 19 anos e de 20 a 24 anos e um aumento da fecundidade de 27,6% para 31,3% nos grupos acima de 30 anos.

Dentre os fatores que levam ao adiamento da maternidade, estão a disponibilidade dos métodos contraceptivos, postergação do matrimônio, níveis educacionais e profissionais elevados e conquista de estabilidade e independência financeira (Lima, 2010; Gomes *et al.*, 2008). Em um estudo a respeito da maternidade tardia, a revisão está basicamente pautada em estudos internacionais. No Brasil, ainda são poucos os trabalhos que abordam a experiência de maternidade tardia (Gomes *et al.*, 2008).

Diante das particularidades da mulher atual, Molina (2006) atenta para o fato de que, hoje, a maternidade não tem uma visão tão atrativa como em outras épocas. Dadas as características da sociedade pós-moderna, há um aumento de possibilidades e exigências em torno da mulher e de sentimentos de insuficiência frente às responsabilidades. Mansur (2003) realizou um estudo exploratório com oito mulheres entre 40 e 50 anos que não têm filhos. Dentre as participantes, seis delas são denominadas “adiadoras”, ou seja, apesar da idade, estão vivenciando o conflito entre a maternidade e outras áreas de sua vida. O dado acima corrobora a pesquisa de Hewlett (2002), chamando atenção para o fato de, que muitas mulheres altamente qualificadas não optam pela não maternidade: esta, na realidade, é uma não escolha, na medida em que postergam esse projeto até se tornarem inférteis.

Muitas dessas mulheres vivenciam o trabalho como uma posição importante em suas vidas. Dessa forma, primeiramente se estabelece a equação simbólica pênis-falotrabalho, vindo posteriormente o bebê. Nesse caso, o trabalho pode ser uma experiência vivenciada como deslocamento da maternidade no que se refere à realização fálica. Consequentemente, muitas mulheres vivenciam crises de angústia pela falta de sincronia entre o tempo necessário para percorrer as equivalências fálicas antes de chegar ao bebê: o tempo cronológico dessas realizações e o tempo orgânico da fertilidade, ou seja, o tempo faz necessário acelerar uma escolha (Jerusalinsky, 2009). E quando as mulheres optam por investir em ambos?

Maternidade e carreira

A emancipação feminina significou uma soma de responsabilidades, conjugando o ser mãe e o ser profissional (Grant, 2002; Jerusalinsky, 2009). Porém, não se pode pensar vida pessoal e profissional de maneira dicotômica. Para o indivíduo construir sua carreira, as metas da vida pessoal e profissional têm que ser pensadas e planejadas em consonância (Lima & Tose, 2001).

Pesquisas na área da Economia estudam o efeito da maternidade na permanência da mulher no mercado de trabalho (Souza Rios-Neto & Queiroz, 2011; Pazello, 2006; Pazello & Fernandez, 2004). Essas pesquisas não buscam encontrar causalidades, mas associação entre esses dois fenômenos, eliminando o que esse grupo de estudos chama de causas endógenas (Souza Rios-Neto & Queiroz, 2011).

Com o objetivo de mensurar o impacto da maternidade no engajamento da mulher no mercado de trabalho, Pazello e Fernandes (2004) compararam dois grupos, um de mulheres com filhos e mulheres que não tinham filhos. O grupo de mulheres sem filhos deveria ter pelo menos um filho que nasceu morto. Os pesquisadores queriam comparar mulheres com preferências semelhantes, ou seja, que queriam ser mães. Os dados para análise foram retirados da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílio de 1992 a 1999. Os resultados evidenciaram um impacto negativo da maternidade sobre a participação no mercado de trabalho, caindo em 10,28 pontos percentuais. Eles também indicam que há uma tendência à diminuição de tal impacto ao longo do tempo, ou seja, na amostra de mulheres acima de 40 anos, o impacto é um pouco menor.

Além de pesquisas com filhos natimortos (Pazello & Fernandes, 2004) e com filhos gêmeos (Pazello, 2006), outra variável foi analisada por Souza Rios-Neto e Queiroz (2011), o número de filhos e o efeito do primeiro, do segundo e do terceiro na participação feminina no mercado de trabalho. Nesta pesquisa, também foram utilizados os dados da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílio de 1992 a 2007. Os resultados vão ao encontro da pesquisa acima, indicando que mulheres sem filhos têm maior probabilidade de estar no mercado de trabalho do que mulheres com um filho. No entanto, como foi comparada a População Economicamente Ativa (PEA) das décadas de 90 e 2000, constatou-se que a queda do número de mulheres com um filho no mercado de trabalho diminuiu. Mães de gêmeos também têm menor probabilidade de pertencer à População Economicamente Ativa do que mães de um filho. A pesquisa destacou que, apesar do número de filhos interferir na PEA, o número de mulheres no mercado de trabalho cresce e profundas mudanças ocorrem no interior da família, diminuindo o tempo das mães com seus filhos.

Heilman e Okimoto (2008) também investigaram os efeitos da maternidade no mercado de trabalho. Os autores utilizaram a perspectiva de gênero para comparar 100 estudantes de MBA, homens e mulheres, com filhos e sem filhos, que já se encontravam ativamente no mundo dos negócios. Os resultados do estudo mostraram que tanto a paternidade quanto a maternidade têm impacto negativo, mas ser mãe tem um impacto negativo maior, o *status* materno pode impedir o progresso na carreira. Os autores consideraram que os estereótipos de gênero valorizam os atributos masculinos relacionados ao sucesso no trabalho.

Quando se trata de investimento na carreira, maternidade e paternidade têm resultados opostos, como indicou o estudo de Hewlett (2002). Em um recorte da pesquisa internacional a respeito da vida profissional e privada de mulheres e homens altamente qualificados, um dos resultados do estudo mostrou que, quanto mais bem sucedido o homem, mais provavelmente irá encontrar uma esposa e tornar-se um pai. Já 49% das mulheres, principalmente as que a pesquisadora nomeia como ultra empreendedoras, ou seja, com remuneração acima de US\$ 100.000 ano, não têm filhos, e 75% dos homens tem. Tal resultado indica que, para além dos desafios da carreira, as mulheres têm um desafio maior com a maternidade.

O discurso que valoriza a mulher autônoma e seu trabalho no âmbito público e, ao mesmo tempo, valoriza o papel de mãe e dona de casa é evidenciado na pesquisa de Amazonas, Vieira e Pinto (2011). Os autores entrevistaram seis participantes visando saber o que é ser mulher hoje. No resultado da pesquisa, apesar de as mulheres se sentirem sobrecarregadas e esperarem a divisão das atividades domésticas e do cuidado dos filhos com o parceiro, constatou-se que elas se sentem culpadas quando isso ocorre, acreditando que só as mães têm a capacidade de cuidar deles.

O estudo de Hewlett (2002), assim como os de Lee e Gramotnev (2006), Pazello e Fernandes (2004) e Souza, Rios-Neto e Queiroz (2011) sugerem a criação de políticas que garantam o equilíbrio nas diferentes esferas da vida da mulher. Hewlett (2002) sugere políticas que ajudem a alcançar a conciliação entre maternidade e carreira a longo prazo. Os estudos ainda advertem para tal necessidade, chamando atenção para o fato de que a reorganização da família pela inserção da mulher no mercado de trabalho pode diminuir os investimentos no capital humano (Souza, Rios-Neto & Queiroz, 2011; Pazello & Fernandes, 2004).

No Brasil, a tentativa de conciliar maternidade e carreira e postergar a separação mãe-bebê foi discutida no âmbito político. Atualmente, há um direito que garante constitucionalmente esse momento entre mãe e filho nos primeiros quatro meses de vida do bebê, que é nomeado de licença-maternidade. Com a necessidade de ir além, em setembro de 2008, o Presidente Luiz Inácio Lula da Silva sancionou o aumento da licença-maternidade de 120 para 180 dias; no entanto, a extensão não é obrigatória. De acordo com a SBP (Sociedade Brasileira de Pediatria, 2010) há pesquisas internacionais que indicam que a manutenção do vínculo entre a mãe e o bebê após seu nascimento é intensificado pelo convívio entre os dois, gerando uma sensação de maior bem-estar à criança e uma maior probabilidade de boa saúde mental ao mesmo.

Portanto, essa separação do bebê é um momento importante na vida da mulher e da própria criança. Então, quando chega ao fim a licença-maternidade e, somado a isso, a hora do reingresso no mercado de trabalho e na vida social, conforme propõe Jerusalinsky (2009), as mulheres não conseguem reinvestir da mesma maneira esses dois espaços; seja pelo temor de faltarem excessivamente ao seu bebê, seja por não saberem dosar a presença-ausência com seu filho, assim como a mãe ideal deve saber fazer, ou por não poderem realizar viagens de trabalho inesperadas, horas extras ou levar tarefas para o lar.

Lopes, Alfaya, Machado e Piccinini (2005), embasados no conceito de Winnicott de período de preocupação materna primária, pesquisaram sentimentos das mães primíparas

diante da situação de separação de seus bebês e também os sentimentos em relação aos cuidadores alternativos. Verificaram através da análise de conteúdo, das questões da entrevista sobre a experiência da maternidade no terceiro mês do bebê, que 66% das 47 mães entrevistadas relataram sentimentos negativos no momento da separação de seus bebês, tais como preocupação, apreensão, medo, tristeza e ansiedade.

A angústia manifesta-se após a maternidade, sem o retorno imediato e permanente à posição de trabalho anterior. Para a mulher, nesse momento, “maternidade e trabalho são vividos imaginariamente como concorrentes opostos na realização fálica, pelo qual o investimento crescente em um implicaria necessariamente o desinvestir proporcional no outro” (Jerusalinsky, 2009, p.128).

Na tentativa de investigar como a preferência pelo emprego poderia afetar o desenvolvimento da ansiedade da separação, um estudo norte-americano analisou uma amostra de mães mais velhas, estudadas e bem instruídas. Através de uma pesquisa longitudinal com 72 mães primíparas, comparando um grupo de mães que preferiu trabalhar com um grupo que optou por ficar em casa durante o primeiro ano da criança, os resultados mostraram que, as primeiras estavam menos preocupadas com a situação de ter que deixar seu filho por causa do emprego do que as mães que queriam ficar em casa. Indicaram também que a preferência pelo emprego e a situação de emprego são importantes variáveis no desenvolvimento de seus sentimentos e atitudes sobre a separação durante o primeiro ano da maternidade (DeMeis, McBride & Hock, 1986).

Em relação à situação do emprego, Hock e DeMeis (1990), ao pesquisarem os fatores psicológicos que mediam a relação entre trabalho, maternidade e saúde mental 12 meses depois do nascimento do bebê, constataram que a opção de ficar em casa, não necessariamente, é a mais saudável. A esse respeito, o estudo coloca que as mães que preferiam trabalhar, mas ficaram em casa, apresentaram índices mais altos de sintomas depressivos comparadas às que não o faziam.

Na França, Robin (2009), utilizando o mesmo instrumento de Hock e Schirtzinger (1992) para investigar a ansiedade da separação materna, pesquisou, em um primeiro estudo, dois grupos de mães trabalhadoras, um que trabalhava em tempo integral, e outro que optou por trabalhar em tempo parcial. O objetivo era analisar as razões da escolha e a eficácia das estratégias de conciliação da maternidade à do tempo de trabalho. O resultado mostrou uma relação significativa entre o nível de ansiedade de separação materna e os desejos relativos à duração do tempo de trabalho para toda a amostra, sendo que as mulheres que desejavam manter o mesmo tempo de trabalho tinham baixos níveis de ansiedade de separação do que aquelas que desejavam reduzir esse tempo ou deixar de trabalhar. Esse estudo corroborou as pesquisas de McBride e Belsky (1988) e que confirma a importância da adequação, em nível psicológico, entre as aspirações da mulher e sua situação atual no que diz respeito ao emprego.

De fato, a chegada de um filho interfere, positiva ou negativamente, na vida da mulher e as atividades profissionais tendem a ficar em um segundo plano (Piccinini, Gomes, Nardi & Lopes, 2008). Isso foi verificado no estudo de Rocha-Coutinho e Rocha-Coutinho (2011), ao entrevistarem executivas ou gerentes gerais. As participantes relataram estratégias utilizadas, que buscaram manter com o nascimento do filho, tais como horário de trabalho fixo, evitar horas extras e reduzir as viagens. Como estratégia

de investimento em suas carreiras, acreditavam que passaram a concentrar-se mais em suas tarefas, tendo um incentivo maior para trabalhar e evitar a demissão.

Buscando meios e soluções utilizadas pelas mulheres que são mães e trabalhadoras, Rocha-Coutinho (2008) entrevistou mulheres da classe média do Rio de Janeiro para melhor compreender como elas exercem suas funções como mãe e como tentam conciliar a maternidade e sua carreira. A autora entrevistou 15 mulheres de grande sucesso profissional, bom retorno financeiro, alto grau de satisfação no trabalho e investimento em suas carreiras, mães de crianças de seis meses a três anos de idade. No discurso das participantes, para a maioria, o trabalho parece ser um importante elemento, até mesmo essencial, na vida (Rocha-Coutinho, 2008).

A conciliação da carreira profissional bem sucedida com a maternidade é percebida como possível e também como desejável e as soluções procuradas são individuais. Na maior parte das vezes, as mulheres conseguem separar claramente as áreas casa, família e profissão, reduzindo deslocamentos, as horas-extras e evitando trazer trabalho para casa (Rocha-Coutinho, 2008; Rocha-Coutinho & Rocha-Coutinho, 2011). Assim como esta pesquisa, outros autores buscarem quais estratégias estão sendo utilizadas pelas novas configurações familiares como redes de apoio (Dessen e Braz, 2000; Rapoport & Piccinini, 2004).

Estratégias de conciliação

As modificações existentes na relação da mulher com a maternidade permitem observar novos arranjos nas configurações parentais (Jeruralinsky, 2005) e outras formas de cuidados e subjetivação da criança. A diminuição do tempo entre a mãe e seu filho (Rizzo, 2000), especialmente com a consolidação da mulher no mundo profissional, tem exigido que a família opte por redes de apoio, ficando mãe e bebê mais tempo separados (Rapoport & Piccinini, 2004).

A composição da rede de apoio em uma família varia de acordo com o contexto socio-histórico em que ela está inserida (Dessen & Braz, 2000; Rapoport & Piccinini, 2004). Ao comparar dois níveis socioeconômicos, Weber, Santos, Becker e Santos (2006) realizaram uma pesquisa que tinha por objetivo identificar motivos e sentimentos de 67 mães de distintas classes sociais que deixaram seus filhos na creche. Identificaram sentimentos de culpa, principalmente nas mães de nível socioeconômico mais elevado, e, ao mesmo tempo, sentimentos positivos ao retornarem à vida profissional. No entanto, eles não levaram em conta o fator relacionamento conjugal e outros fatores que poderiam permitir comparações entre diferentes realidades.

Para além da classe social das mães, a percepção do apoio dessas redes também é fundamental para a adequação do papel materno em relação ao filho (Dessen & Braz, 2000), principalmente nos grandes centros metropolitanos, onde as redes de apoio se tornam fundamentais, já que as famílias de origem ficam distantes ou estão ainda inseridas no mercado de trabalho. Assim, os pais têm que buscar outras formas de ajuda quando o bebê tem alguns meses de vida e, nesse contexto de distância, individualidade e diminuição da família, escolas de educação infantil e babás têm sido opções para as famílias urbanas (Rapoport & Piccinini, 2004).

A importância da percepção das mães perante a rede de apoio também é constatada na revisão de literatura de Rapoport e Piccinini (2006), referente ao apoio social e à experiência da maternidade. O estudo considera que cada mulher reage às mudanças decorrentes da maternidade de maneiras diferentes, conforme suas características pessoais. As mães que conseguem lidar melhor com a rede de apoio, provavelmente, dizem os autores, beneficiaram o bebê, que terá mais contato afetivo com outras pessoas e com a própria mãe, ao aliviar a sobrecarga.

Desse modo, as redes de apoio são uma das possíveis maneiras de conciliar a vida familiar com a vida profissional da mulher atual (Almeida, 2007; Souza, Teixeira, Loreto, & Bartolomeu, 2011). Entre as diferentes formas de cuidados dados às crianças e que podem ser acessadas pelas mães estão às escolas, creches, babás, vizinhas, avós, crianças cuidando de crianças (Almeida, 2007; Scavone, 2002). A opção por cada forma de cuidados dependerá do contexto e das crenças que cada família compartilha.

Na pesquisa de Souza *et al.*, (2011) com 46 mães que trabalham na Universidade de Viçosa, foi identificado que a forma como as mães jovens e tardias organizavam a conciliação do lar e da profissão estava relacionada à posição ocupada no mercado de trabalho, à remuneração e à participação do companheiro. A maioria das participantes contava com instituições especializadas para delegar as funções de cuidados dos filhos a terceiros, principalmente creches, tendo as mães tardias mais facilidade em acessar as instituições formais. Em ambos os grupos, mães jovens e tardias relataram que se não fosse o acesso à instituição infantil, provavelmente não teriam tido filhos.

Então, a mulher da pós-modernidade divide-se entre o público e o privado e as contradições de valores desses dois espaços. Ela experimenta diferentes diálogos e a maternidade não é a única forma de expressão, uma vez que há uma multiplicidade de papéis que permitem conhecer novas concepções e vivências consigo, com os outros e com as crianças (Molina, 2006).

Considerações finais

A consolidação da mulher no mercado de trabalho e a construção de uma carreira tem se tornado prioridade na vida da mulher pós-moderna, como aponta esta revisão de literatura. Diante de duas questões de extrema realização para a mulher, maternidade e carreira percebesse em muitas situações o adiamento da maternidade em função da busca de consolidação da carreira.

Os estudos acerca das mulheres que optaram por realizar esses dois projetos, carreira e maternidade, constituem-se o principal foco deste artigo. Constatou-se que a literatura carece de trabalhos que diferenciem carreira de atividades profissionais remuneradas, pois essa distinção é importante para compreender como a mulher se relaciona com a esfera pública, isto é, a atuação fora do lar.

Os autores apontam que a tentativa de conciliar a maternidade e a carreira podem provocar um conflito. Nesse sentido, as mulheres que optam por serem mães sofrem estigma social, sobrecarga e tendem a postergar o retorno ao trabalho. A maioria das pesquisas também leva em consideração o grau de satisfação das mulheres em relação

ao que fazem, sendo esse uma das principais razões para a mulher retornar ao trabalho após o nascimento do filho.

As concepções a respeito da maternidade e da carreira fazem com que as mães criem estratégias nesses dois ambientes para conciliar os múltiplos papéis. Os estudos apontam que a crença da mãe como única capaz de cuidar do filho traz sentimentos de ansiedade e insatisfação na mulher. Já a supervalorização da carreira gera medo de provocar a falta excessiva ao bebê e uma terceirização demasiada dos cuidados com a criança.

Ainda nas pesquisas sobre o tema separação mãe-bebê, a quantidade de estudos é numerosa, no entanto são, em sua maioria, quantitativos e internacionais, eles reportam a realidades que tem políticas públicas voltadas aos primeiros meses da mãe e do bebê distintas da brasileira. Por isso, considera-se que tal tema deve ser estudado dentro da realidade brasileira, para que se construam políticas em favorecimento à mãe e ao bebê. Também se sugerem pesquisas sobre intervenções dentro de instituições de trabalho e/ou instituições de cuidados das crianças que criem espaços para trocas quanto aos sentimentos das mães diante da separação do bebê. Mostram-se necessários estudos de caso a respeito desse tema, pois a conciliação desses papéis é, tanto para a mãe quanto para o bebê, fundamental e singular e precisa ser compreendida de forma mais aprofundada.

A mulher vem ocupando espaços sociais, e a família vêm se reorganizando. Portanto, as estratégias no momento em que a mulher tem que se deparar com esses dois espaços, no final da licença-maternidade, devem ser compreendidas levando-se em consideração a realidade particular de cada família e de cada mãe. Nesse contexto, as redes de apoio são uma das formas encontradas pela família na busca de cuidado aos seus filhos.

Enfim, pretendeu-se com este artigo que se desenvolvam pesquisas atuais no âmbito brasileiro, levando-se em conta as diversas realidades do país. São necessários estudos que venham a contribuir para o entendimento desse fenômeno atual, dando importância não somente aos fatores da maternidade que interferem no emprego, mas às possibilidades da mãe de investir na sua carreira, valorizando e enriquecendo as vivências com seu bebê.

Referências

- Almeida, L. S. (2007). Mãe, Cuidadora e Trabalhadora: As múltiplas identidades de mães que trabalham. *Revista do Departamento de Psicologia, 19*(2), 411-422.
- Amazonas, M. C., Vieira, L. L., & Pinto, V. C. (2011). Modos de Subjetivação Feminismos, Família e Trabalho. *Psicologia: Ciência e Profissão, 31*(2), 314-327.
- Barbosa, P. Z., & Rocha-Coutinho, M. L. (2007). Maternidade: Novas possibilidades, antigas visões. *Psicologia Clínica, 19*(1), 163-185.
- Brazelton, T. B. (1988). Gravidez: O nascimento do apego. In D. Batista (Trad.), *O Desenvolvimento do Apego: uma família em formação*. Porto Alegre: Artes Médicas.
- DeMeis, D., McBride, S., & Hock, E. (1986). The Balance of Employment and Motherhood: Longitudinal Study of Mothers' Feelings About Separation From Their First-Born Infants. *Developmental Psychology, 22*(5), 627-632.

- Dessen, M. A., & Braz, M. P. (2000). Rede Social de Apoio Durante Transições Familiares Decorrentes do Nascimento de Filhos. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 16 (3), 221-231.
- Freud, S. (1976). A dissolução do complexo de Édipo (J. Salomão, Trad.). In Edição standard brasileira das obras completas de Sigmund Freud. (vol. 19, pp. 217- 224). Rio de Janeiro: Imago. (Original publicado em 1924a).
- Gomes, A. G., Donelli, T. M., Piccinini, C. A., & Lopes, R. C. (2008). Maternidade em idade avançada: Aspectos teóricos e empíricos. *Interação em Psicologia*, 12(1), 99-106.
- Grant, W. (2002). A maternidade, o trabalho e a mulher. In *Colóquio do LEPSI IP/FE-USP,3.*, São Paulo. Acessado em <27 de setembro, 2010>, disponível em <www.scielo.br>.
- Heilman, M. E., & Okimoto, T. G. (2008). Motherhood: A Potential Source of Bias in Employment Decisions. *Journal Applied Psychology*, 93(1), 189-198.
- Hewlett, S. A. (2002). Executive Woman and the Myth of Having it all. *Harvard Business Review*. 1-10.
- Hock, E., & Schirtzinger, M.B. (1992). Maternal Separation Anxiety: Its Developmental Course and Relation to Maternal Mental Health (Resumo). *Child Development*, 63 (1), 93-102.
- Hock, E., & DeMeis, D. (1990). Depression in mothers of infants: the role of maternal employment. *Developmental Psychology*, 26(2), 285-291.
- Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – IBGE (2008). Acessado em <30 de Outubro de 2010> Disponível em <http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/indicadores/trabalhoerendimento/pme_nova/default.shtm>
- Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – IBGE (2010). Acessado em <05 de Janeiro de 2011> Disponível em <<http://www.ibge.gov.br/home/presidencia/noticias/impressa/ppts/0000000147.pdf>>
- Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – IBGE (2011). Acessado em <05 de março de 2012> Disponível em <http://www.ibge.gov.br/home/presidencia/noticias/noticia_visualiza.php?id_noticia=2018&id_pagina=1>
- Jerusalinsky, J. (2005). Quem é o Outro do sujeito na primeira infância? Considerações sobre o lugar da família na clínica de bebês. *IV Encontro Latino Americano dos Estados Gerais da Psicanálise*. Acessado em <12 de maio de 2010> Disponível em <http://www.estadosgerais.org/encontro/IV/PT/trabalhos/Julietta_Jerusalinsky.pdf>
- Jerusalinsky, J. (2009). A maternidade e o Gozo fálico. In *A criação da criança: letra e gozo nos primórdios do psiquismo* (pp. 122-134). Tese de Doutorado, *Pontifícia Universidade Católica de São Paulo*, São Paulo.
- Lee, C., & Gramotnev, H. (2006). Motherhood Plans Among Young Australian Woman: Who Wants Children These Days? *Journal of Health Psychology*, 11(1), 5-20.
- Lima, L.C. (2010). Idade Materna e Mortalidade Infantil: efeitos nulos, biológicos ou sociológicos?. *Revista Brasileira de Estatística Popular*, 27 (1), 211-226.
- Lima, M., & Tose, S. (2001). Carreira: Uma preocupação do indivíduo, uma responsabilidade da empresa. *Revista de Administração em Diálogo*, 3(1), 1-9.

- Lopes, R. C. S., Alfaya, C., Machado, C. V., & Piccinini, C. A. (2005). “No início eu saía com o coração partido...”: As primeiras situações de separação mãe-bebê. *Revista Brasileira Crescimento Desenvolvimento Humano*, 15(3), 26-35.
- Mansur, L. H. (2003). Experiência de Mulheres sem Filhos: a mulher singular no plural. *Psicologia, Ciência e Profissão*, 23(4), 2-11.
- Martinez, A. L., & Barbieri, V. (2011). A experiência da maternidade em uma família homoafetiva feminina. *Estudos de Psicologia*, 28(2), 175-185.
- McBride, S., & Belsky, J. (1988). Characteristics, Determinants, and Consequences of Maternal Separation Anxiety. *Developmental Psychology*, 24(3), 407-414.
- Molina, M. E. (2006). Transformaciones Histórico Culturales Del Concepto de Maternidad y sus Repercusiones em la Identidad de La Mujer. *Psykhé*, 15(2), 93-103.
- Pazello, E. T., & Fernandes, R. (2004). A maternidade e a mulher no mercado de trabalho: diferenças de comportamento entre mulheres que têm e mulheres que não tem filhos. In *Encontro da Associação Nacional de Pós Graduação em Economia, Anais Anpec*. Acessado em <20 de janeiro de 2012> Disponível em <<http://www.anpec.org.br/encontro2004/artigos/A04A151.pdf>>.
- Pazello, E. T. (2006). A maternidade afeta o engajamento da mulher no mercado de trabalho? Um estudo utilizando o nascimento de gêmeos como um experimento natural. *Estudos Econômicos*, 36(3), 507-538.
- Piccinini, C. A., Gomes, A., Nardi, T., & Lopes, R.S (2008). Gestação e a Constituição da Maternidade. *Psicologia em Estudos*, 13 (1), 63-72.
- Rapoport, A., & Piccinini, C. A. (2004). A escolha do cuidado alternativo para o bebê e a criança pequena. *Estudos de Psicologia*, 9(3), 497-503.
- Rapoport, A., & Piccinini, C.A. (2006). O apoio social e a experiência da maternidade. *Revista Brasileira de Desenvolvimento Humano*, 16 (2), 215-225.
- Rizzo, G. (2000). *Creche: organização, currículo, Montagem e Funcionamento*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil.
- Robin, M. (2009). Maternal separation anxiety and adaptation of working time. *Pratiques psychologiques*, 15, 191–201.
- Rocha-Coutinho, R. R. (2008). Variations on an old Theme: Maternity for Women with a Very Successful Professional Career. *The Spanish Journal of Psychology*, 11(1), 66-77.
- Rocha-Coutinho R. R. & Rocha-Coutinho, R. R. (2011). Mulheres Brasileiras em posições de liderança: novas perspectivas para antigos desafios. *Revista Economia Global e Gestão*, 16(1), 61-80.
- Scavone, L. (2001). Maternidade: Transformações na família e nas relações de gênero. *Interface: comunicação, saúde e educação*, 5(8), 47-60.
- Scavone, L. (2002). A maternidade e o feminino: Dialogo entre as ciências sociais. *Caderno Pagu*, 16,137-150.
- Sigal, A. M. (2002). Algo mais que um brilho fálico: Considerações acerca da inveja do pênis. In *Figuras clínicas do feminino no mal-estar contemporâneo*. (S.L. Alonso, A.C. Gurfinkel, D.M. Breyton, Orgs). São Paulo: Escuta.

- Sociedade Brasileira de Pediatria (2010). Campanha Licença-maternidade. Seis meses é melhor! Acessado em <21 de junho de 2011> Disponível em <http://www.sbp.com.br/show_item2.cfm?id_categoria=17&id_detalhe=1604&tipo=D>
- Sonego, J. C., Lopes, R. C. (2009). A experiência da maternidade em mães adotivas. *Aletheia*, 29, 16-26.
- Souza, I.F., Teixeira, K.M., Loreto, M.D., & Bartolomeu, T.G. (2011). "... Não tem jeito de acordar hoje e dizer: hoje eu não vou ser mãe!": Trabalho, Maternidade e Redes de Apoio. *Oikos. Revista de Economia Doméstica*, 22(1), 46-63.
- Souza, L. R., Rios-Neto, E. L., & Queiroz, B. L. (2011). A relação entre parturição e trabalho feminino no Brasil. *Revista Brasileira de Estatística Populacional*, 28(1), 57-79.
- Spotorno, P. M., Silva, I. M. & Lopes, R. S. (2008). Expectativas e sentimentos de mulheres em situação de reprodução medicamente assistidas. *Aletheia*, 28, 104-118.
- Weber, L. N. D., Santos, C. S. D., Becker, C., Santos, T. P. (2006). Filhos em creches no século XXI e os sentimentos das mães. *Psicologia Argumento*, 24(44), 45-54.
- Wagner, A. (2002). Possibilidades e Potencialidades da Família: a construção de novos arranjos a partir do recasamento. In Wagner, A. (Org.). *Família em cena: tramas, dramas e transformações*. Petrópolis: Vozes, p.23-38.

Recebido em outubro de 2012

Aceito em maio de 2013

Greyce Rocha Beltrame: Mestre em Psicologia pela Universidade do Vale do Rio dos Sinos.

Tagma Marina Schneider Donelli: Doutora em Psicologia pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Professora do Programa de Pós Graduação em Psicologia da Universidade do Vale dos Sinos.

Endereço para contato: greycebeltrame@gmail.com